



ENQUADRAMENTOS DO DESEJO HOMOERÓTICO MASCULINO: PRÁTICAS BIOPOLÍTICAS NAS AUTORREPRESENTAÇÕES FOTOGRAFICAS DOS PERFIS DO GRINDR NO RECIFE

Renato Contente¹

RESUMO²

Este artigo se propõe a investigar práticas biopolíticas a partir das autorrepresentações fotográficas dos perfis do aplicativo de encontro Grindr no Recife. Entendemos por práticas biopolíticas a reprodução de padrões de exclusão de corpos e vivências não hegemônicos, que modulam o regime de visibilidade que buscamos investigar através das imagens dos perfis. Sustentamos que essas práticas produzem – ou tornam significativamente mais eficiente a reprodução de – subjetividades relacionadas ao âmbito do desejo homoerótico masculino. Estas seriam condicionadas, por sua vez, a um projeto biopolítico que privilegia a existência de determinados corpos em detrimento de outros. Para a análise proposta neste artigo, construímos um banco de dados composto por 120 perfis do Grindr, coletados entre os meses de junho e julho de 2019 na cidade do Recife. A análise será conduzida a partir das conceituações de capitalismo 24/7 (CRARY, 2016), regime de visibilidade (BRUNO, 2013) e biopolítica (FOUCAULT, 2002; 2005; 2008). A partir dos dados coletados, observamos um regime visibilidade específico que se mostra inbricado com o que chamamos provisoriamente de regime de desejabilidade.

Palavras-chave: Biopolítica, Aplicativos de encontro, Autorrepresentações fotográficas, Regime de visibilidade.

INTRODUÇÃO

Desde 2009, quando as tecnologias de geolocalização foram absorvidas por aplicativos para dispositivos móveis, vivenciamos uma série de transformações e reconfigurações substanciais quanto a antigos hábitos e costumes³. As maneiras de nos relacionarmos com o afeto e o desejo, bem como as possibilidades de busca por um parceiro afetivo-sexual, são alguns dos componentes que foram significativamente modificados nesse ínterim, através do desenvolvimento de aplicativos de encontro. Mudanças como essas integram a virada tecnológica que viemos experimentando ao longo das duas últimas décadas, sob o contexto de

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, rcontente@gmail.com.

² Artigo oriundo do desenvolvimento de tese de doutorado no PPGS – UFPE, com financiamento da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe).

³ Em 2009, houve um marco significativo para o desenvolvimento das ferramentas tecnológicas atualmente dominantes: a criação do segundo modelo do celular iPhone, com o sistema operacional iOS, que integrava o Global Positioning System (GPS) aos então incipientes aplicativos para dispositivos móveis (MISKOLCI, 2017, p. 34). Naquele mesmo ano, seriam fundados o Grindr e o Uber, e, no ano seguinte, o Tinder e o Scruff.



um capitalismo mais sofisticado, invasivo e imbricado nos diversos aspectos da vida cotidiana (CRARY, 2016).

Por estarmos situados em uma sociedade de matriz heteronormativa, indivíduos de vivências não heterossexuais e/ou não cisgêneras – historicamente reprimidos e hostilizados no âmbito público – têm experienciado através dessas tecnologias possibilidades de efetivação de seu desejo supostamente mais seguras e controladas. Entre os aplicativos de encontro desenvolvidos para indivíduos LGBTQs, sobretudo homens⁴, o Grindr figura como o mais antigo e popular mundialmente, com 3,8 milhões de usuários diários⁵.

A plataforma cria redes de usuários em busca de parceiros afetivo-sexuais a partir da distância geográfica entre eles. Esses usuários tendem a demonstrar interesse entre si através da projeção de determinadas características físicas e culturais sobre seus parceiros em potencial, geralmente inscritas em seus perfis, que podem ser constituídos por imagens (avatar), dados gerais e uma autodescrição.

Miskolci (2017, p. 25) sustenta que a criação dessa vertente de aplicativos revela a atualização de um regime de invisibilidade e marginalização ainda distante de ser superado, mesmo com os progressos obtidos desde a década de 1960. Essa lógica é reforçada inclusive pela logomarca do Grindr (Imagem 1), cujo símbolo é uma máscara que sugere aos seus usuários a possibilidade do anonimato e, por conseguinte, uma suposta vivência livre de seus prazeres.



Imagem 1 – Logotipo do Grindr (Fonte: Grindr, 2019)

Nesse sentido, a materialização de um “radar” capaz de detectar o desejo homossexual masculino torna latentes as restrições político-culturais que mantêm a busca por parceiros afetivo-sexuais sujeita a diversas formas de retaliação, inclusive físicas e morais. Nas palavras do autor, “o desejo que alimenta o uso das mídias digitais por homens que buscam parceiros do mesmo sexo no presente não exige mais sua negação, mas envolve a negociação de sua visibilidade e segurança” (MISKOLCI, 2017, p. 26).

Entre 2012 e 2016, o Grindr ampliou seu público em 60%, com 10 milhões de downloads em 192 países. Não há dados oficiais atualizados referentes ao Brasil, mas

⁴ O Grindr se definia como um aplicativo destinado apenas para homens gays e bissexuais. A ampliação de seu público alvo ocorreu apenas em novembro de 2017, quando foram criadas categorias que incluíam outras possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero.

⁵ Disponível em: <<https://expandedramblings.com/index.php/grindr-facts-statistics/>>. Acesso em 11/07/2019.

números de anos anteriores apontam para um crescimento exponencial de sua popularidade no país⁶: em 2011, 14 mil brasileiros utilizavam o *app*, número que subiu para 65 mil em 2012, e 130 mil, em 2013. A descrição do aplicativo nas lojas digitais, onde é possível baixá-lo gratuitamente ou aderir a uma versão paga com recursos extras, resume sua proposta com uma série de imperativos que elucidam algumas de suas ofertas:

[...] Converse e encontre homens sexy, atraentes e interessantes [...]. Dê estrelas aos seus homens favoritos e bloqueie os outros. [...] Crie e personalize seu perfil incluindo sua tribo, status de relacionamento, que tipo de homens você está buscando [...]. (GRINDR, 2017)

Mais do que propor a interação entre pessoas LGBTQs sexualmente compatíveis, a descrição do aplicativo sugere aos seus potenciais usuários que seu uso promove a aquisição de algum poder e controle no que diz respeito à busca por parceiros afetivo-sexuais. A mesma descrição estimula uma lógica de competitividade (“dê estrelas aos seus homens favoritos”) e exclusão (“bloqueie os outros”), ao passo em que garante aos seus usuários que eles encontrarão e manterão contato com “homens sexy, atraentes e interessantes”, adjetivos que são materializados através de modelos fotográficos que figuram nas simulações de perfis que constam na publicidade do aplicativo.

Como citado anteriormente, um perfil do Grindr permite a exposição de dados gerais (tipo físico, idade, peso, posição sexual, condição de hiv, etc.), uma autodescrição e imagens (avatar), como modo de obtenção de um certo senso de distinção dentro de uma competitiva rede de sujeitos desejantes em busca de se constituírem enquanto sujeitos desejáveis. A escolha das imagens e a seleção das informações a serem expostas consistem em autorrepresentações discursivas que dão corpo às subjetividades desses indivíduos, em geral através da expressão das especificações de seu desejo afetivo-sexual.

Para além de falar sobre si, os usuários do aplicativo, através de seus perfis, tendem a vender a si mesmos enquanto aquisições valiosas dentro de um mercado regulado por uma alta competitividade de desejos, corpos e afetos. Entendemos por práticas biopolíticas a reprodução de padrões de exclusão de corpos e vivências não hegemônicos, que modulam o regime de visibilidade que buscamos investigar através das imagens dos perfis.

Para a análise proposta neste artigo, construímos um banco de dados composto por 120 perfis do Grindr, coletados entre os meses de junho e julho de 2019 na cidade do Recife. A análise será conduzida a partir do aporte teórico discutido neste artigo, baseado

⁶ Disponível em: <<http://igay.ig.com.br/2013-03-05/joel-simkhai-criador-do-grindr-sei-que-e-complicado-conhecer-outros-homens.html>>. Acesso em: 02/07/2019.

especialmente nas conceituações de capitalismo 24/7 (CRARY, 2016), regime de visibilidade (BRUNO, 2013) e biopolítica (FOUCAULT, 2002; 2005; 2008).

ENQUADRAMENTOS BIOPOLÍTICOS

Crary (2016) nomeia o capitalismo de efeito incessante e invasivo sobre nós de 24/7, em alusão à sua atividade contínua e difusa, 24 horas por dia, 7 dias por semana. O autor observa que, nos anos recentes, a aceleração desse processo adquiriu uma velocidade e uma abrangência sem precedentes, em que “tudo parece ter sido colonizado pela lógica da mercadoria, do código genético das espécies (vivas e mortas) à nossa própria necessidade de contato e afeto com os semelhantes” (CRARY, 2016).

Se pensarmos na própria disponibilidade irrestrita do Grindr, que mapeia parceiros em potencial a qualquer hora do dia, de qualquer lugar do mundo, podemos detectar a eficácia e a naturalização de um desempenho maquínico do desejo. No aplicativo, isso se dá a partir da produção de um efeito de superabundância de corpos e afetos à disposição, potencialmente capazes de suprir as demandas físicas e emocionais de seus usuários de maneira imediata.

Esse desempenho maquínico do desejo ensejado pelo Grindr e dispositivos semelhantes tende também a incidir sobre os termos através dos quais os sujeitos desejanter se reconhecem e/ou desejam ser reconhecidos nas dinâmicas de uso do aplicativo, como podemos supor ao nos depararmos com a farta exposição de corpos-máquina (jovens, sarados e saudáveis) que reforçam uma lógica biopolítica no *app*.

Na perspectiva de Crary (2016), em passagem que podemos articular às próprias condições de possibilidade do surgimento de aplicativos como o Grindr, “a maioria das necessidades aparentemente irredutíveis da vida humana – fome, sede, desejo sexual e recentemente a necessidade e amizade – foi transformada em mercadoria ou investimento”.

Sob essa visão, estaríamos nos tornando crescentemente subordinados à intermediação de dispositivos tecnológicos para atuarmos nas esferas mais elementares da vida cotidiana, em uma contínua e difusa comercialização de nossas demandas e carências mais íntimas e habituais.

O cenário contemporâneo descrito por Crary (2016), tão caro ao objeto de estudo sobre o qual nos debruçamos, sugere a intensificação de processos identificados anteriormente por autores como Foucault (2005; 2008), em suas análises acerca do neoliberalismo sobre a qual se fundamenta a biopolítica.

Se o capitalismo 24/7 sobre o qual discorre Crary (2016) é fruto de uma reflexão acerca dos desdobramentos recentes do neoliberalismo, Foucault (2008) antecipou questões pertinentes acerca desse tema ao se deter sobre as primeiras expressões significativas do fenômeno, nos anos 1970 (LAVAL, 2017, p. 64).

Quando elabora o conceito de biopolítica, Foucault assume que esta forma de poder sobre a vida só se tornou possível mediante a consolidação do liberalismo no processo de formação do Estado moderno, e que sua manutenção e constante atualização na contemporaneidade foram garantidas através do desenvolvimento de uma governamentalidade neoliberal.

Para Foucault (2005, p. 131), a biopolítica consistiu em uma tecnologia de poder desdobrada em duas faces: o corpo-máquina (anátomo-política) e o corpo-espécie (biopolítica). O primeiro, desenvolvido no século XVII, tinha como fim a disciplina: objetivava o adestramento dos corpos e a ampliação de suas aptidões, possibilitando a extorsão de suas forças e o crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade.

Já os mecanismos caros ao corpo-espécie, surgidos na segunda metade do século XVIII, tinham como fim intervenções reguladoras sobre a população, tendo em vista controle sobre seu nascimento, mortalidade, nível de saúde, duração da vida e longevidade.

Ao exercer um poder de gestão sobre a vida, a biopolítica lança mão de uma série de procedimentos com o propósito de manter uma ideia específica de ordem, saúde e bom funcionamento do corpo social. Por conseguinte, implica na exclusão dos indivíduos considerados agentes “poluidores” deste corpo coletivo, ou daqueles inaptos a contribuir, sobretudo economicamente, para sua manutenção.

Nesse sentido, não apenas as práticas sexuais não heterossexuais, mas as próprias corporalidades dissidentes da heteronorma, presentes em alguns perfis do Grindr, encontram nos corpos desses indivíduos uma materialidade possível para sua existência e resistência, que são constantemente ameaçadas pelos discursos e práticas biopolíticas em circulação no próprio aplicativo.

Na visão de Foucault (2008, p. 310), o tipo humano ideal do neoliberalismo consiste no *homo oeconomicus*, que já se fazia presente no liberalismo clássico, mas que incorporou características distintas no novo cenário político: de parceiro da troca no mercado, motivado por suas necessidades, ele se torna um empresário de si mesmo, “sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda” (FOUCAULT, 2008, p. 311).

Foucault argumenta que o homem do consumo, isto é, o *homo oeconomicus* neoliberal, na medida em que consome, também é um produtor, mas um produtor da satisfação de seus próprios desejos. Sob esse aspecto, sua grade de inteligibilidade será fundamentada pela extensão da racionalidade econômica às demais instâncias da vida humana (FOUCAULT, 2008, p. 366).

Ainda que não possa ser uma definição totalizante sobre os indivíduos da contemporaneidade, mesmo sob a condução de práticas neoliberais cada vez mais elaboradas, a conceituação foucaultiana de *homo oeconomicus* nos permite vislumbrar aspectos violentos e sutis de um modo de vida que permanece como fonte fundamental para a constante ativação da biopolítica.

Não apenas através de leis, normas e disciplinas, mas também por meio de ritos sociais, representações midiáticas, modos de sociabilidade, produção de subjetividades, enquadramentos imagéticos e regimes de visibilidade que contribuem para a manutenção dessas práticas e modulam nossos modos de consumir, viver e desejar.

No âmbito das práticas biopolíticas produzidas no Grindr, o regime de visibilidade é um conceito central para se compreender aspectos da “política geral” do desejo (para utilizarmos outro termo foucaultiano) que rege as autorrepresentações presentes no aplicativo, bem como sua relação com o estabelecimento de jogos de poder que instituem corpos desejáveis e abjetos.

Para conceituar um regime de visibilidade, Fernanda Bruno (2013, p. 14) lança mão da noção foucaultiana de regime de verdade. Como observa a autora, um regime passa a ser constituído pelo conjunto de regras discursivas que o tornam possível, conceito pensado originalmente pelo autor em relação à verdade. A análise de um regime de verdade, sob esse aspecto, não se trata da busca pelo verdadeiro, mas das regras que estabelecem o que é considerado verdadeiro.

Para Foucault (2002, p. 12), um regime de verdade consiste nos tipos de discursos que operam como verdadeiros, bem como os mecanismos e instâncias capazes de distinguir entre os enunciados verdadeiros e falsos, a maneira pela qual estes são sancionados, as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade e o estatuto dos encarregados de dizer o que funciona como verdadeiro.

Nesses termos, “um regime de visibilidade consiste, antes, não tanto no que é visto, mas no que torna possível o que se vê” (BRUNO, 2013, p. 14). Tendo como base a conceituação foucaultiana, a autora destaca que as condições de visibilidade de que trata são

associadas a máquinas, práticas, regras e discursos articulados a formações de saber e jogos de poder.

ANÁLISE DOS PERFIS

Para a análise proposta, construímos um banco de dados composto por 120 perfis do Grindr, coletados entre os meses de junho e julho de 2019, na cidade do Recife. Ao acessar o aplicativo em sua versão gratuita, o usuário se depara com uma rede que reúne cerca de 60 perfis dispostos por ordem de proximidade (Imagem 2). Ao clicar em um desses dos avatares, é possível observar um perfil tal qual disponibilizado pelo usuário (Imagens 3 e 4).

Os perfis foram registrados em sua íntegra através da ferramenta de captação de tela de um celular iPhone 5C, que gerou uma base de dados de 233 arquivos de imagem. Após essa etapa, os dados foram transferidos para um arquivo de tabelas do Microsoft Excel, onde foram especificados e observados os seguintes campos disponíveis nos perfis: nome, descrição, idade, altura, peso, porte físico, posição, etnia, relacionamento atual, tribos, “buscando por”, gênero, pronomes, exame de hiv/data do último exame, redes sociais e imagem.

Além disso, foram criadas três categorias analíticas baseadas nas informações fornecidas publicamente pelos próprios usuários, que são ligadas às ideias de desejo afetivo-sexual e autorrepresentações discursivas (texto e imagem) investigadas neste artigo: preferência, aversão e atributos de si. Para essa categorização, foram consideradas informações disponíveis tanto nas imagens quanto nos dados estatísticos dos usuários.

Na primeira categoria, serão destacadas as características buscadas pelos usuários em potenciais parceiros; na segunda, o seu contrário, ou seja, as características que os usuários declaram como indesejáveis em potenciais parceiros; na terceira, por sua vez, serão descritos os atributos de si que os usuários, enquanto empreendedores de si mesmos, destacam para atrair outros usuários.

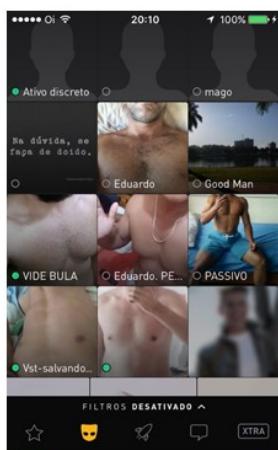


Imagem 2 – Plataforma do Grindr
(Fonte: Grindr, 2019)



Imagem 3 – Imagem de um perfil
(Fonte: Grindr, 2019)

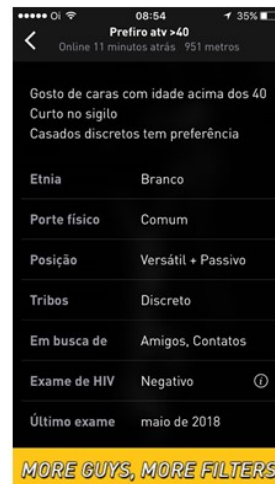


Imagem 4 – Informações nerocom.br
(Fonte: Grindr, 2019) nerocom.br



Uma visão global acerca das autorrepresentações através de imagens, no universo dos 120 perfis coletados, aponta para quatro categorias recorrentes no âmbito do aplicativo: perfis sem nenhuma imagem, perfis cujas imagens escondem ou removem completa ou parcialmente a cabeça/rosto dos usuários, perfis com rostos de seus usuários à mostra e perfis ilustrados por imagens diversas, como paisagens, desenhos e mensagens, conforme representado na tabela abaixo.

Perfis sem imagem	Imagens de usuários sem cabeça/rosto (Imagem 5)	Imagens de usuários com rosto à mostra (Imagem 6)	Paisagens, desenhos, mensagens e outros (Imagem 7)
25 (20,8%)	55 (45,8%)	26 (21,6)	14 (11,6%)

Tabela 1 - Visão geral das imagens dos perfis

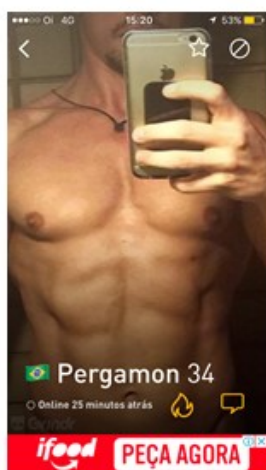


Imagem 5 – Perfil sem cabeça/rosto
(Fonte: Grindr, 2019)

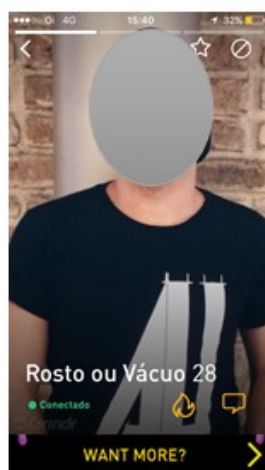


Imagem 6 – Perfil com rosto à mostra
(Fonte: Grindr, 2019)

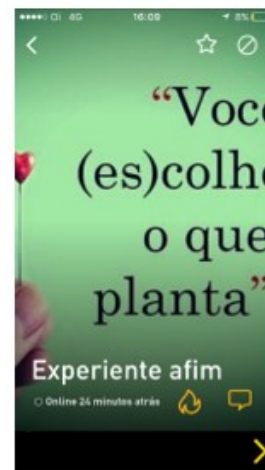


Imagem 7 – Outros
(Fonte: Grindr, 2019)

Entre as imagens da categoria mais recorrente (usuários sem cabeça/rosto) há uma preponderância particular: perfis que exibem dorsos desnudos e musculosos. 38 dos 55 perfis dessa categoria exibem dorsos desnudos, tão desmembrados quanto indetectáveis. Dos 38 corpos sem cabeça/rosto de dorsos desnudos, apenas 2 pertencem a pessoas gordas. Desses mesmos 38 corpos, 36 exibem dorsos magros e/ou fortes, com músculos definidos à mostra. Dos 36 corpos musculosos sem cabeça/rosto e dorso desnudo, apenas dois são de homens negros, sendo todo o restante representações de usuários brancos e latinos, como alguns se definem.



Tanto os perfis sem imagens quanto os perfis em cujas fotos há enquadramentos decapitados de seus usuários reforçam o argumento de Miskolci (2017, p. 25) acerca de um regime de invisibilidade e marginalização que rege essa vertente de aplicativos. A escolha de uma não imagem ou de um enquadramento decapitado (portanto não passível de identificação), no âmbito da ferramenta, sugere uma negociação de seus usuários quanto à sua visibilidade e, potencialmente, de sua segurança.

O Grindr também possibilita a associação entre a conta no aplicativo a outras redes sociais, como o Facebook e o Instagram. Mas apenas 4 usuários do escopo analisado optaram por essa veiculação externa, que, via de regra, significa divulgar não apenas seus rostos e nomes autênticos, mas também abrir um canal direto de comunicação e de acesso às suas redes de contatos pessoais.

Na categoria etnia, considerando os perfis com e sem imagens, a maioria dos usuários que preencheram este espaço se autodeclararam como brancos (32), seguidos por latinos (16), negros (8), mestiços (6), árabes (1) e outros (3). Quanto ao campo relativo à identidade de gênero, não houve registros de usuários transgêneros, não binários, intersexuais, *queer* ou de outras denominações que fujam à binaridade cisgênera. Nesse sentido, podemos pensar em uma corporalidade branca, cisgênera e musculosa como um corpo referencial no que tange às dinâmicas de sociabilidade do aplicativo.

Na amostra em questão, também não há usuários que marcaram como positivo o campo “exame de hiv”: 38 assinalaram como negativo, ou seja, afirmam não ser portadores do vírus do hiv, enquanto 82 se abstiveram de responder. Essa informação é significativa na medida em que, sob uma lógica biopolítica, o estigma social acerca dos portadores de hiv sinaliza seu entendimento enquanto uma ameaça direta à ideia de corpos-máquina e ao corpo social produtivo e sadio do qual esses fazem parte.

A proporção de corpos inidentificáveis (78,3%) e identificáveis (21,7%), no entanto, bem como as características físicas a eles associadas, reforçam a efetivação de um regime de visibilidade específico. Dadas as características da maioria dos corpos expostos no aplicativo, há uma notória restrição de expressões corporais relativas a usuários não magros/fortes, não brancos, não cisgêneros e com diagnóstico positivo para hiv.

Enquanto enquadramento hegemônico, portanto, as redes do Grindr privilegiam corpos-máquina (FOUCAULT, 2005, p. 131), representações de indivíduos de aptidões ampliadas, disciplinados e dóceis, úteis à lógica neoliberal na qual o aplicativo está inserido.

Mais do que isso, “um corpo-máquina seria limpo, mais produtivo, moralmente eficaz” (JUNIOR *et al.*, 2005).

Nesse sentido, parece haver a instauração de um ambiente biopolítico propriamente dito, no qual a exposição de corporalidades dissidentes não é bem aceita. Podemos supor que essa falta de “aceitação”, ou seja, a marcação de determinados corpos enquanto não desejáveis, e por isso invisibilizados, induz os próprios usuários do aplicativo dissidentes da hetenorma (seja em seu viés de gênero e sexualidade ou corporal) a permanecerem invisíveis e a eliminar autorrepresentações autênticas de si, se estas de alguma maneira violam a representação de um corpo-máquina.

Uma lógica semelhante parece se aplicar às demais autorrepresentações de si que circulam no aplicativo, seja através das imagens ou das descrições escritas pelos próprios usuários. Das três categorias analíticas que propomos avaliar, os atributos de si, ou seja, uma forma de agregar valor simbólico a si mesmo para atrair outros usuários, foi a mais recorrente entre os usuários: 96 perfis, de um total de 120 coletados, se valeram dessa estratégia como modo de distinção nas redes do aplicativo. As expressões explícitas referentes às categorias preferência e aversão, que dão conta das características buscadas e evitadas pelos usuários, foram identificadas em 17 e 15 perfis, respectivamente.

Podemos associar a preponderância dos atributos de si nos perfis, em relação às expressões de preferência e aversão, à visão de Sibilía (2008, p. 103) de que dispositivos como o Grindr contribuem para produzir determinadas configurações corporais e subjetivas. Para a autora, ferramentas como essa constituem “instrumentos para a criação de si”, capazes de dar corpo a modalidades subjetivas e corporais afinadas com diferentes modos históricos de perceber, vivenciar e compreender o mundo.

Sibilía (2008, p. 255) sustenta que é preciso converter o próprio eu em um *show*, ou seja, espetacularizar a própria personalidade com estratégias performáticas e adereços técnicos, já que a imagem de cada um é sua própria marca, seu mais valioso capital, e, portanto, merece ser cuidada e cultivada a fim de se constituir um avatar que tenha condições de competir em um acirrado mercado de olhares, e desejos.

Em ordem decrescente de regularidade, os atributos de si observados na análise foram: musculoso (38), ativo (18), sigilo/discrção (12), barba (11), dotado (10), praieiro (9), casado/comprometido (8), capital econômico diferenciado (7), passivo (6), tatuado (6), magro (5), esportivo/atleta (5), urso (5), estiloso (5), com local (5), másculo/não afeminado (4), dominador (3), safado (3), jovem (3), bissexual (2), submisso (2), cinéfilo (2), baladeiro (2),

garoto de programa (2), jogador de videogames (2), usuário de maconha (2), viajante (2), fumante (1), virgem (1), paulista (1), motoboy (1), culto (1), elegante (1), possui carro (1) e poético (1).

As preferências observadas, por sua vez, foram: sigilo/discrição (5), ativo (5), sério/namoro (4), másculo/não afeminado (3), magro (2), passivo (1), branco (1), dominador (1), musculoso (1), jovem (1), garoto (1). Já as características relacionadas à aversão foram: mal-educados (6), sigilo/discrição (4), sem iniciativa (2), eleitores de Bolsonaro (1), exigente (1), gordos (1), preconceituosos (1), escatológicos (1), fumantes (1), menores de idade (1) e casais (1).

A partir dos dados coletados, observamos que os atributos de si mais recorrentes reforçam uma representação biopolítica do corpo masculino; um corpo-máquina, necessariamente musculoso, másculo e viril, discreto e sigiloso, mas também ativo (penetrador) e dotado (com um pênis considerado grande). Outros elementos, como ter barba ou ser casado/comprometido com mulheres, reforçam um aspecto de distinção ligado à virilidade e ao ser másculo.

A categoria em relação às preferências explicitadas pelos usuários fortalece essa lógica, já que as características mais buscadas em um parceiro em potencial são sigilo/discrição, ativo, em busca de namoro e másculo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apontar que as sociabilidades vivenciadas no Grindr constituem um espaço de opressão, em detrimento de uma suposta proposta de acolhimento a LGBTQs em busca de se relacionar com semelhantes, não é uma novidade no estudo de aplicativos de encontro. Afinal, embora a rigor partilhem de uma opressão em comum, que é a homofobia, eles constituem indivíduos atravessados pelos mais diversos discursos estigmatizantes, ao exemplo dos discursos gordofóbicos, transfóbicos e misóginos, conforme observamos em quantidade considerável na análise que seguiu.

Podemos dizer que os usuários do Grindr partilham de um mesmo regime de invisibilidade – regime este que possibilitou a própria existência do aplicativo, como argumentou Miskolci (2017) –, mas eles também tendem a operacionalizar, no uso da ferramenta, um regime de visibilidade dentro do qual é aplicada uma lógica biopolítica a corporalidades e vivências dissidentes da heteronorma.

Sustentamos que esse regime, que coordena quais corpos são dignos de destaque no aplicativo e quais não são, incide de maneira potente sobre a construção do desejo afetivo-sexual entre homens. Não apenas no âmbito do aplicativo, mas também fora dele, uma vez que nos referimos a discursos e práticas sociais que antecedem esse tipo de tecnologia, mas que adquiriram uma potência diferenciada mediante a mediação de dispositivos tecnológicos semelhantes.

Podemos amadurecer essa ideia se tentarmos pensar em um regime de desejabilidade. Isto é, um regime do desejo, ou uma “política geral” do desejo (FOUCAULT, 2002, p. 12), se nos basearmos no mesmo percurso teórico do qual se valeu Bruno (2013) ao conceituar regimes de visibilidade. De maneira análoga ao regime de verdade tratado por Foucault (2002, p. 14), o desejo está intimamente ligado a sistemas de poder que o produzem e o apoiam, bem como aos efeitos de poder que ele induz e através dos quais ele é continuamente reproduzido.

Um regime de desejabilidade seria diretamente articulado não apenas a um regime de visibilidade (sobre o qual produziria novos sentidos), mas também a um regime de representação (HALL, 1997, p. 6), que por si só constitui uma determinada produção de sentidos sobre um regime de visibilidade, dado que se trata justamente de representações que produzem imaginários coletivos que que estabelecem no corpo social estereótipos e hierarquias, hegemonias e subalternidades.

São questões que precisam ser levantadas e aprofundadas, no entanto, sem removermos do horizonte a formatação do Grindr enquanto um dispositivo tecnológico que possibilita e mesmo estimula esses discursos e práticas sociais. Há no aplicativo uma ilusão de escolha e autonomia que Crary (2016) considera problemática ao se referir a dispositivos tecnológicos semelhantes. Nesse sentido, o autor combate a perspectiva de que “a ordem tecnológica contemporânea é essencialmente um conjunto de ferramentas neutro que pode ser usado de diferentes maneiras, inclusive a serviço de uma política emancipatória.

Sobre essa questão, Crary (2016) cita Agamben, para quem “é totalmente impossível que o sujeito do dispositivo o use ‘de modo correto’”, e para quem aqueles que sustentam esse tipo de discurso consistem no próprio resultado do dispositivo midiático no qual estão aprisionados. Nesse contexto, se torna propícia também a referência de Sibilia (2008, p. 10) a Deleuze, que nos faz um importante questionamento: a que somos levados a servir? Certamente, no âmbito do Grindr e de aplicativos semelhantes, pode ser um ponto de partida potente para pensarmos essas problemáticas.

Referências bibliográficas

BRUNO, Fernanda. *Máquinas de ver, modos de ser*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

CRARY, Jonathan. *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono* (E-book). São Paulo: Ubu, 2016.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1 – A vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2005.

_____. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2002.

_____. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HALL, Stuart. *Representation – Cultural representations and signifying practices*. London: The Open University, 1997.

LAVAL, Christian. Foucault and Bourdieu: to each his own neoliberalism? *Sociol. Antropol.*, 2017, vol.7, n.1 [cited 2019-07-30], pp.63-75.

MISKOLCI, Richard. *Desejos digitais – Uma análise sociológica da busca por parceiros online*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SIBILIA, Paula. *O show do eu – A intimidade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Adriano. *O homo oeconomicus em Michel Foucault: a análise do ser humano como naturalmente econômico na arte liberal de governar*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – UFG. Goiânia, 2015.